

Ala Restrita

“Levantar-se-ão falsos Cristos e falsos profetas, que farão grandes prodígios e coisas de espantar; a ponto de seduzirem os próprios escolhidos.”

O Evangelho Segundo Espiritismo, capítulo XXI, item 5.

Em tempo comparativo ao da Terra, Marcondes e Selena viveram todas as experiências narradas até agora, em menos de sessenta dias. Aprenderam sobre a vida espiritual em algumas semanas mais que durante toda a vida física. Guardando espontânea alegria na convivência com seus orientadores, não apresentavam ainda as mesmas disposições com seus colegas de ala. Apesar de polidos, seus diálogos ainda eram superficiais e nutriam repugnância pelos internos, fato que tentavam ocultar como se estivessem em local inadequado. Procuravam quem lhes compartilhasse os pontos de vista como de costume. O dirigente de Goiás e a líder mineira ainda traziam arrogância e impetuosidade, maledicência e competição em sua conduta – joio mental cultivado em décadas de descuido nos serviços doutrinários, sob as ilusões do orgulho, que refletiam milênios de perdição.

Conquanto as imperfeições, nossos amigos iniciaram o doloroso processo de desilusão e busca da realidade. Marcondes começou a avaliar a extensão de sua conduta

arrogante em sua existência recém-finda. Selena passou a interligar a dor da “depressão suportável”, com suas atitudes controladoras. Ampliaram-se os horizontes mentais. Novos sentimentos brotaram quais fossem flores que desejassem embelezar a criação.

O tesouro mais valioso que uma alma pode ter depois da morte é saber mensurar os reflexos de suas atitudes na intimidade. Nossos irmãos são exemplos dos trabalhadores da *última hora* que realizaram a contento. Entretanto, por descuidos pertinentes à caminhada eivada de lutas a vencer, ambos renderam-se ao teste da negligência.

A bondade que semearam lhes subtraiu as dores da queda consciencial. As intenções que cultivaram livraram-lhes dos grilhões do inferno. Para o servidor de Jesus, semelhantes vitórias são as expressões claras do dever a cumprir. O Senhor da Vinha, entretanto, propôs-nos um contributo para além da obrigação. “*Quem pedir o vestido, dê igualmente a capa, aquele que quiser mil milhas, ande duas mil, o que te bater uma face, ofereça-lhe a outra.*”⁽¹⁾ Além da obrigação, espera-nos o sacrifício. Além da justiça, espera-nos o amor.

Nenhum bem espalhado deixa de abençoar-nos o caminho. Somente o amor aplicado apazigua a alma nas sendas do aperfeiçoamento, iluminando por dentro a criatura. Servir, servir e servir. Trabalhar sem cessar. Essas são as indicativas seguras de equilíbrio, libertação e paz após a morte.

Marcondes e Selena colheram os louros da merecida oportunidade de amparo e orientação. Seus corações, no entanto, sangravam de angústia por experimentarem o mais lastimável efeito da negligência, isto é, a sensação de tempo perdido ou mal aproveitado. As primeiras decepções narradas até agora constituíam uma demonstração tácita de que a vida nos devolve, a nós mesmos, depois da morte física.

Que o trabalhador de Jesus repense seus caminhos, seus hábitos e suas propostas de vida. Grande desafio de desapego

e disciplina apresenta-se a quem deseja seguir o Mestre.

Não basta evitar o mal do qual somente agora começamos a nos desvincular. Imprescindível ir além e criar todo o bem possível na caminhada. Como instaurar semelhante conduta sem rever nossa parcela pessoal de participação na obra do Cristo?

Após esse período de adaptação, nossos dois personagens começaram uma nova empreitada moral. Mais amplos vãos de espiritualização os aguardavam no serviço redentor. Os diálogos instrutivos com os servidores do Hospital, acrescidos dos contatos profícuos com diversos internos nas alas em que se encontravam – espíritas e cristãos de diversos matizes – acresceu-lhes enorme soma de perspectivas.

Ficava claro: erraticidade é o tempo da colheita. Após a sementeira da vida corporal, hora de aferir a realidade das escolhas. O retorno de Selena ao ambiente de tarefas doutrinárias e a cirurgia de Marcondes atestavam o irretocável resultado de suas atitudes durante a reencarnação. Ambos estavam carentes da misericórdia celestial.

Chegava o instante de aprofundar em seus dramas, ampliar a visão sobre os efeitos de sua trajetória naqueles que lhes partilharam a senda.

Para prevenir maiores dores, a didática do amor prescreve o trabalho edificante como medida insubstituível. Nossos amigos foram convidados a conhecer de perto os seguidores de Jesus, atolados em desvios lamentáveis. Ante a tormenta alheia, dimensionariam com mais exatidão suas próprias realizações. Conhecendo os casos graves de arrependimento tardio, perceberiam mais vastos horizontes acerca da caminhada humana no aprimoramento incessante de si mesmos.

Selena foi convidada a passar algumas semanas fora do Hospital Esperança em magnífico núcleo educativo coordenado por Odilon Fernandes.⁽²⁾ Local onde reveria seu

tema desprezado, a mediunidade com Jesus.

Marcondes, por sua vez, transferiu estada para outras alas do pavilhão Judas Iscariotes. Atendendo ao pedido de Eurípedes, ficaria integralmente aos cuidados de Dona Modesta e Doutor Inácio, na condição de auxiliar direto de ambos.

— Satisfeito na nova casa? – indagou, irônico, o Doutor Inácio.

— Satisfeito, nem tanto. Diria que me sinto em casa.

— Você terá razões de sobra para ficar satisfeito, pode estar certo!

— Quando começarei as visitas? Terei que fazer algum curso?

— Começará já. O curso serão as visitas. Começaremos visitando Jandira, no subsolo.

— Dona Modesta não virá conosco?

— Modesta está muito ocupada no momento. Vamos!

Marcondes estava alojado no andar térreo, onde se situava a administração geral daquele pavilhão. Dirigiram-se para o elevador, desceram ao andar *subsolo 01*, local somente permitido com autorização de responsáveis devido à gravidade dos casos. Passando pelos postos de enfermagem fraterna, Doutor Inácio e o auxiliar eram saudados com alegria. Os corredores possuíam luz mais fraca. Chegando à ala de destino, uma placa acima da porta dizia ala restrita. Vinte quartos, sendo dez de cada lado, e uma enfermaria coletiva ao fim do corredor. Alguns pacientes transitavam mudos, com olhares esgazeados. Muitos enfermeiros, em plena tarefa, passavam pelos dois com pacientes em macas. Ouviam-se gritos estridentes em alguns quartos. Marcondes revela-se tenso.

— Assustado, Marcondes?

— Nunca gostei muito de hospital psiquiátrico.

— Não é hospital psiquiátrico. É uma ala de recuperação mental.

— E qual a diferença?

— Passei a vida dentro de um hospital psiquiátrico e jamais presenciei um índice de recuperação como ocorre aqui.

— Devido ao método?

— Sem dúvida! Nisso reside a diferença.

— Que método é empregado?

— Amorterapia.

Os dois andavam, até que foram abordados por uma mulher de baixa estatura. Bem penteada e com olhar fixo, aproximou-se de Marcondes com os braços cruzados. Vez por outra, levava o indicador nos lábios como se espalhasse uma substância e novamente cruzava os braços. Chegando perto, disse:

— Eu sei o seu nome.

— É mesmo?! – falou Marcondes em tom de piedade pela condição da doente.

— Converse com ela! – estimulou Doutor Inácio.

— Qual o seu nome?

— Jandira. Jandira Alves de Assumpção. Muito prazer, Senhor Marcondes de Faria.

— Como ela sabe meu nome, doutor?

— Pergunte a ela – respondeu o médico.

— Você me conhece de algum lugar, Jandira?

— Conheço o tempo universal e o espaço que o separa.

— Creio não ter entendido! – exclamou o dirigente um tanto constrangido.

— Marcondes – interrompeu Doutor Inácio – fique com ela por alguns minutos. Estarei logo ali – e apontou o posto próximo.

— Venha ao meu quarto. Vou lhe contar umas histórias – convidou Jandira.

— Posso, doutor? – solicitou o visitante.

— Vá com ela. Não tenha receios.

O quarto de Jandira era o de número seis. A porta aberta

era indício de que estava em bom dia. A ala confinava doentes em condições severas, e nem todos poderiam ter toda a liberdade desejável. Olhando pela porta para averiguar se ninguém ouviria a conversa, expressou aos sussurros:

— Eu leio pensamentos e preciso advertir-lo sobre o que acontece neste lugar.

— Pode falar!

— Estive presa nas furnas e descobri coisas absurdas. Bezerra de Menezes e a tal Dona Modesta estão presos lá. Eles são emissários da ilusão. Esses que aparecem aqui, neste Hospital, são falsos. São clones – falou Jandira com ansiedade e um misto de medo em ser ouvida. Este lugar é uma réplica da mistificação. Estamos todos sendo enganados pelo demônio. Na verdade, também fui espírita e descobri coisas fantásticas.

— Sim, fale sobre essas coisas absurdas. Estou curioso – manifestou Marcondes com evidente interesse.

— O Espiritismo é uma farsa. Fomos enganados.

— Que é isso?! – debochou o dirigente.

— Veja pelo senhor – e agarrou os braços de Marcondes – se não tinha dúvidas sobre a existência dos espíritos e da mediunidade. Aposto como se arrependeu depois da morte de deixar de fazer muitas coisas que gostaria!...

— Não! A senhora está enganada.

— Então por que não acreditou nas comunicações de seus médiuns?

— Como a senhora sabe disso?

— Está na sua mente. Não adianta esconder, eu posso ler. Se o senhor acreditasse em problemas depois da morte, teria uma amante?

— A senhora está sendo inconveniente. Vamos parar com isso. Com licença, tenho que chamar o Doutor Inácio.

— Não! Essa é a sua hora da verdade – Jandira correu para a porta e a trancou.

— Abra essa porta, com licença – pediu Marcondes assustado.

— O senhor não vai sair enquanto não me ouvir. Ouvir a verdade!

— O que a senhora quer de mim. Que verdade é essa?

— Salvá-lo da farsa. Estamos sendo enganados. Eurípedes é o conselheiro de Lúcifer, que transfigurou e criou este lugar para nos escravizar. Quando nossa cabeça estiver boa, eles vão nos dar serviços escusos junto aos homens na Terra.

— Perdoe-me, mas a senhora está louca.

— É isso que querem que pensemos. Por que o senhor acha que veio a esta ala? Pode estar certo de que existe um quarto para o senhor aqui. Eu fui escolhida para ser uma mensageira infiltrada. Aqui fico sabendo de tudo. Sei, por exemplo, sobre o caso amoroso de sua esposa e posso lhe dizer o que quiser.

— Como soube disso? – interrogou com visível curiosidade.

— Sei tudo. Tenho poder. Quer saber?

— Saber?!

— Quem era o homem traidor... – dessa vez foi Marcondes quem olhou para os lados a fim de averiguar se ninguém ouvia.

— Fale-me o que sabe.

— Foi José, seu amigo de doutrina.

— Meu Deus! Eu desconfiava! – expressou-se completamente envolvido e surpreso.

— Ele sabia de seu caso com Eulália e pensou que você não tinha mais interesse pela esposa, então se aproximou e...

— Jandira, abra a porta, tenho que sair. Se você não abrir, eu vou pegar a chave em sua mão.

— Nem tente! Eu conheci o monstro da mentira de perto. Domino técnicas. Ele é horrível! Parece coberto de

lodo e fede a enxofre. É enorme e assustador. Sou agora sua escrava, porém, quero formar uma equipe para fugirmos deste lugar e... Preciso destruir o centro espírita que fundei. Ajude-me!

— Jandira! Jandira! – entrou Doutor Inácio no quarto com a chave sobressalente–, contando mentiras novamente?!

— Não, doutor! Nada disso! Não é Senhor Marcondes?! – falou a paciente, pedindo a anuência com uma fisionomia intimidadora.

— Vamos, Marcondes! Continuemos a visita – intimou o médico.

— Até logo, Jandira – despediu o dirigente.

— Estarei esperando você para... Você sabe! – ainda arrematou a paciente.

Ao sair do quarto, Marcondes parecia outro. A psicofera da paciente afetou-lhe sobremodo.

— Doutor Inácio, eu estou mal!

— Vamos ao posto.

— Não sei se vou agüentar.

— Venha, vou lhe ajudar – e deu-lhe o braço.

Assentando-o perguntou:

— Que houve, Marcondes?

— Parece que não tenho controle sobre meus pensamentos. Recordo-me de médiuns que passaram pelas minhas tarefas e um forte sentimento de culpa... Estranho! Muito Estranho! Estou com raiva de minha esposa e...

— Fale de suas sensações.

— Parece que estou sendo sufocado por algo. Aquela mulher falou de um monstro, e é como se visse uma enorme serpente com pernas humanas olhando para mim, na minha frente. O que está acontecendo, doutor? Está tão forte que a escuto dizendo-me algo.

— O que ela diz?

— Sou a rainha da verdade! Sou a rainha da verdade!

Estou perdendo os sentidos, eu... – Marcondes perdeu os sentidos por completo.

Somente após uma hora, ele retomou a consciência. A visitação foi interrompida e ele regressou ao quarto com recomendação de não permitir as cenas mentais.

Na manhã do dia seguinte, Doutor Inácio foi chamado ao quarto de Marcondes. Ele recusava alimento e não queria levantar-se.

— Que sente, Marcondes?

— Revolta. Muita revolta. Por que será? Estou irritadíssimo... Não dormi bem.

— O que lhe aconteceu ao longo da noite?

— Não sei o que aconteceu. Acordei revoltado.

— Revolta em relação a quê?

— Depois que conversei com aquela mulher...

— O que ocorreu?

— Passei a ter uma revolta de ser espírita.

— Ou de ser quem é?

— Talvez isso! Só sei que um desgosto terrível apossou-se de minha alma, como por encanto. Serão as vibrações dela? Talvez esteja ouvindo o que não gostaria!

— ?... – Doutor Inácio levantou os ombros em gesto de dúvida.

— Sinto-me como um verme, doutor.

— É o ruir das máscaras, Marcondes.

— Tenho revolta inclusive de acreditar... – falou com rancor.

— Acreditar?...

— Acreditar que valeu a pena ser espírita. Por que isso não me deu o sossego, a paz?

— É o lado oculto que surge.

— Onde a misericórdia tão pregada nesta casa?

— O Pai ama a todos indistintamente. Apesar disso, veja a Terra como se encontra. Dor, cansaço, doença... É da

Lei que sejamos amparados incondicionalmente, todavia a mesma Lei também estipula que respondamos por aquilo que já temos condições. Se a misericórdia fosse suprir a responsabilidade, ela seria convivência com nossos erros e um “furo” na evolução.

— Não vou dar conta.

— Diante de sua revolta, qual atitude você tomaria agora se tivesse liberdade de opção.

— Parar com a vida. Sair daqui correndo para um lugar que não sei onde é... Desistir. Vontade de não existir.

— Desistir?!

— Desistir de viver.

— Fale mais! Fale das pessoas!

— Gostaria, por exemplo, que o senhor não existisse.

Que esse Hospital nunca fosse criado. Gostaria de chamar Jesus Cristo e dar-lhe uma bofetada sem piedade. Se pudesse, eu o pregaria na cruz com muito ódio. Fiz muito e, de repente, a sensação que me assalta é de perda de tempo. Incompetência. Parece-me que nada valeu ou vale a pena. Será que...

— Quê?...

— Será que estou deprimido? Por que estou assim, doutor? Quanta surpresa e sofrimento ainda me esperam?

— Você está perdendo o piso meu caro.

— Piso?...

— São as convicções que colocamos como ponto de apoio da vida terrena. As bóias psicológicas de segurança estão afundando. Emergem os medos, as dúvidas, as questões emocionais não solucionadas e que foram soterradas sob o peso das mentiras que escolhemos para serem as nossas verdades.

— Estarei revoltado comigo, portanto?

— A revolta é o estágio em que estacionam os arrogantes quando percebem serem impotentes.

— Como?

— Por trás da arrogância, na maioria dos casos, esconde-se um revoltado. Alguém que não aceitou os alvitres da realidade. Para não tombar na depressão, assume a prepotência e a insanidade da insolência.

— No fundo, minha revolta tem um pouco de medo. Encontro-me muito inseguro e chego a pensar se morri mesmo, ou se tudo que me acontece aqui é uma hipnose...

— Muitos passam esse drama mental. Eu mesmo já experimentei semelhante loucura passageira nesta casa. E, vez por outra, ainda tenho alguns lapsos ocasionais...

— O senhor também é bastante arrogante, não é, doutor?

— Sou um arrogante que não minto mais para mim. Um arrogante autêntico e leal comigo mesmo. Há uma boa diferença entre nós nesse sentido.

— O senhor quer dizer que ainda sou um arrogante iludido...

— Como ambos somos arrogantes, não custa confirmar sua tese...

— E qual definição teria para meu tipo de arrogância?

— O arrogante é alguém que acredita nas ilusões de supervalorização de si mesmo. Quanto a você, defina-se por si.

— Minha arrogância deixa-me inseguro, compreende?

— Ao contrário, Marcondes, somos arrogantes por sentirmos inseguros, temerosos e fracos. Diga-me algo que nesse instante lhe traria segurança.

— Estou tomado por um receio de ferir a pureza doutrinária. De estar aceitando algo contra o Espiritismo. Chega a passar pela minha mente que estou sendo vítima de uma “mistificação perfeita” neste lugar... Acreditei no que a Jandira falou...

— É assim mesmo, Marcondes. Esse é o reflexo

inevitável das sementes que cultivamos no canteiro da vida mental, enquanto no corpo. Em meu caso, foi bem pior. Já desencarnado, sonhei durante anos com o cigarro. Tinha sonhos em que colocava os pés sobre minha mesa no sanatório e baforava prazerosamente. Era um cigarro enorme e, quando recobrava a lucidez do sono, era tomado por uma crise terrível de irritação e chegava a alucinar. Nessas crises, perdia a crença em tudo.

— Se essa é a verdade, por qual razão nós espíritas fomos enganados. Por que André Luiz não deu mais detalhes? Por que Emanuel não escreveu sobre os fracassos dos espíritas após a morte?

— Pare de cobrar dos outros, meu amigo, e olhe para você mesmo. Parece que esqueceu tudo que aprendeu nas últimas semanas.

— Gostaria mesmo de esquecer tudo que vi e ouvi por aqui. Se puder, quero voltar para a pureza doutrinária. Sinto-me muito ameaçado com o que constato neste plano.

— Então, só há uma solução...

— Qual?

— Volte para a matéria e recomece.

— Nem pensar. Quero distância da carne por agora. Será que não tem alguém aqui no Hospital como eu? Alguém que sinta saudades do que é o verdadeiro Espiritismo, das tarefas?

— Marcondes, para sua decepção, o que você está vivendo é a realidade. Você já sabe disso.

— Não aceito.

— Então se deprima! Essa é a saída para quem se revolta com a Verdade.

— Só desejaria a pureza do Espiritismo. Por que tem que ser diferente neste plano.

— Engano seu. Os homens no plano físico é que criaram idéias desconexas com a verdade.

— Mas não há ninguém que cultive a pureza aqui?

— Sim, existe. E você os conhecerá a seu tempo.

Contudo, fique sabendo, amigo, que poucas foram as vezes que essa expressão foi usada em favor da lídima preservação dos princípios doutrinários. Em razão de nossas lutas morais, a aplicação verdadeira desse termo é a de endossar o limite da verdade que conseguimos entender e assimilar. Passou disso, é perturbação. Os espíritas que a tentam manter nesta casa terminam desesperados e levados a alas restritas com crises lastimáveis de confusão mental.

— Jandira falou que viu Bezerra e Maria Modesta aprisionados nas furnas...

— E viu mesmo!

— Como pode?

— São clones. Embora ela defenda que os clones são os que estão aqui conosco. Inclusive existem centros espíritas totalmente tomados por eles através de mistificação mediúnica. Outros são ludibriados por criaturas como Jandira sob hipnose e exploração de adversários. Em alguns lugares – pasme! – espíritos como ela, são recebidos como mentores. Os médiuns acreditam facilmente em suas teorias. Como tem enorme conhecimento da doutrina, ela ludibria com mestria as mentes incautas.

— Com que intuito?

— Os adversários sagazes da causa têm plena consciência da impossibilidade de exterminarem os centros. O propósito é apenas retardar e incensar a morosidade, a preguiça. Inúmeras agremiações encontram-se totalmente tomadas por esse gênero de obsessão coletiva e inteligente.

— Qual a historia dessa mulher, meu Deus?!

— Jandira tem uma história complicada. Tudo começou com uma mentira. Auxiliada e orientada em uma casa espírita, começou a freqüentá-la. Em pouco tempo, foi orientada mediunicamente sobre uma missão de fundar um centro

espírita. Assim o fez com muita luta. Depois de anos em atividade, sucumbiu ao peso de terrível obsessão que a levou ao suicídio. Ninguém descobriu tratar-se de um suicídio. Jogou o próprio veículo em um declive acentuado. Todos supuseram um acidente. Prisioneira das furnas da mentira, padeceu anos em explorações diversas, formando um quadro psicótico grave.

— Estava sendo usada para prejudicar o centro?

— Os amigos encarnados a tomaram como benfeitora em razão de haver fundado o centro. Pela mente, chamavam-na e a veneravam. Ninguém, porém, conhecia-lhe os dramas íntimos e menos ainda a trajetória de responsabilidades imputadas a quem não tinha condições de exercê-las com equilíbrio. Grandes responsabilidades em ombros frágeis. Essa é uma velha técnica para desmoralização pública da doutrina. Após o desencarne, ela era portadora de propósitos sinistros para derrocada total do centro. Caso conseguisse, seria promovida na hierarquia das sombras.

— Santo Pai! E quem a resgatou?

— Dona Modesta, a pedido de Eurípedes. Ela foi resgatada dentro do próprio centro espírita que fundou, em uma noite de descuido dos seus manipuladores das sombras.

— Por que Eurípedes se interessaria por uma pessoa assim, falida como espírita?

— Porque a misericórdia tem como mãe a compaixão. Jandira é um exemplo do lírio no charco. Um enorme potencial usado pelas furnas do mal. Essa alma traz sobre os ombros o peso de ser um expoente da história da França revolucionária. Uma caluniadora dos Girondinos. Jandira, quando resgatada, já “governava” três casas espíritas com suas mentiras, sob jugo de uma das mais doentias falanges da maldade na erraticidade, o *vale da mentira*...

— E agora, como ficou o centro que a venerava? Sem mentor?

— Jandira era usada pelas sombras. Embora fossem autênticas suas comunicações através dos médiuns da casa, ela articulou, sob hipnose, uma tremenda armadilha com idéias e orientações inteligentes, todavia infundadas. Agora que se retirou e depois de feita uma limpeza na área, as coisas vão se encaixando.

— Limpeza na área?...

— É o termo que usamos quando nos referimos à remoção das causas da obsessão.

— Conseguiram então retirar os espíritos que a usavam e também ao grupo. É isso?

— Conseguimos remover os mantenedores da situação no plano físico.

— Quer dizer que o problema vinha de lá para cá?

— Quase sempre é assim. Os adversários dão o empurrão inicial e a ribanceira corre por conta dos encarnados.

— E como vocês resolveram essa história?

— Separando pessoas.

— Como? Separando pessoas!...

— Não sabia que, em alguns casos, torna-se a única solução?

— Jamais imaginei mentores separando pessoas. A proposta espírita é de união.

— Contudo, diante desse quadro delicado, em muitos casos, somos constringidos a usar de acordos com as sombras. Quando essas posturas fascinadoras colocam em risco o progresso da maioria, optamos pelo mal menor através da diplomacia no encaminhamento da ocorrência.

— E nesses acordos...

— Nesses “negócios”, entre outras medidas, inclui o afastamento de pessoas nas mais diversas posturas. Cada caso é um caso.

— Doutor Inácio! Minha cabeça vai explodir. Creio que desencarnei fora do tempo. Não pode ser! Não pode ser, meu

Deus! É assim que as coisas são por aqui? Ai!... Preciso de fôlego. Quanto mais sei sobre vida espiritual, mais me sinto falido, incompetente e vazio. Já que o senhor me mentoreia, responda-me, pelo amor de Deus, será que valeu a pena ser espírita, volto a indagar?

— É a trajetória de todos nós quando não fizemos tanto quanto podíamos. A propósito, você me chamou de mentor?

— Foi o que disse, doutor. Não venha me dizer que...

— Digo, sim! Não se lembra de uma conversa que já tivemos? Aquela do “bom capeta”?...

— Lembro-me.

— Pois então! Chame-me do que quiser. Menos de mentor. Mentor neste Hospital é Jesus Cristo.

— Doutor, como ela sabe tanto a meu respeito? – referiu-se à Jandira.

— Jandira é médium dotada de forças excepcionais. Os gênios da perversidade sabiam disso. Como ela tinha fortes laços com a conduta da mentira, foi enganada durante quase toda a sua existência carnal. Por conta dessa criatura, uma nação inteira sofreu com suas mentiras, vindo ao suicídio pela primeira vez no século XVI, na corte francesa.

— E quanto ao que ela me disse?

— Sobre?!

— O Hospital... A farsa do espiritismo e...

— E...

— Sobre minha esposa!

— Sabia que perguntaria.

— É verdade, doutor?

— Um paradoxo, Marcondes! De uma boca tão mentirosa, Deus faz luzir alguma verdade.

— Então é verdade?

— Em parte.

— Esse é outro motivo de minha revolta – falou Marcondes, socando a cama com irritação. O senhor acredita

que estou sentindo ciúmes por atraso?! Já que não tinha certeza quando na carne, agora sinto saudades, ciúmes e revolta. Muita revolta.

— Pois saiba que não ocorreu o que pensa. José, realmente, tentou de toda forma, porém sua amada esposa, Josefa, manteve-se firme no posto do dever.

— Ainda assim, sinto revolta...

— O teatro acabou, amigo!

— Teatro?...

— A vida terrena tem sido um palco para a grande maioria das pessoas. Representam uns para os outros, escondendo aquilo que sentem e fazem.

— O senhor está me chamando de...

— Tolo! Sim, é isso mesmo! Somos tolos demais. Que definição melhor pode receber quem diz acreditar em uma vida após a morte e fica teatralizando a reencarnação? Mesmo que Josefa o houvesse traído, que autoridade para exigir tributos de honra teria você, mantendo um caso com Eulália?

— ! – Marcondes calou-se envergonhado.

— Sinto muito pela franqueza, mas não dá para brincar com esse assunto.

— Prefiro vê-lo brincando!

— Eu também me prefiro assim. Digamos que hoje estou tão deprimido quanto você.

— Começou a brincar!

— Estou falando sério. Tenho também minhas crises. Para sua desgraça, estamos os dois na tristeza neste dia. O melhor que fazemos é orar e respirar um ar nos jardins. Levante dessa cama e vamos sair daqui, antes que nos internem os dois nas alas restritas.

Marcondes levantou-se do leito, trocou as vestes, fez asseio e saíram, ele e Doutor Inácio. Nos jardins do Hospital, o movimento era grande naquela manhã. O astro-rei tinha seus raios focados na sublime obra de Barsanulfo. Após

atravessar algumas quadras, os dois amigos pararam na praça dos lírios, local preferido por Eurípedes. Uma bela praça arborizada e limpa. Assentaram-se em bancos confortáveis e reiniciaram o diálogo:

— Quando venho aqui, sempre tenho saudades da Terra e fico pensando que devia ter perdido mais tempo por lá.

— Pois de mim, só posso dizer o contrário. O senhor trabalhou muito, Doutor Inácio?

— A vida inteira! Cuidando de loucos, acho que enlouqueci e não percebi. Acabei sendo útil, mesmo doente.

— Confesso que às vezes tenho uma tremenda raiva de suas colocações, mas tenho que lhe confessar que nunca ninguém conseguiu entrar tão profundamente em minha alma. Sou-lhe grato, amigo! — e pegou as mãos de Doutor Inácio em gesto de agradecimento.

— Esteja certo de que ainda pretendo lhe causar muita raiva!

— Vejo que os jardins nos fizeram bem.

— Sempre fazem, sempre fazem! O espírito de Eurípedes, e por que não dizer, de Jesus, está nesta praça. Vê esse flamboyant?

— Sim.

— Abraçe-o e pense em Jesus.

Marcondes seguiu instintivamente a ordem. Abraçou a árvore e fechou os olhos. Uma doce paz invadiu-lhe o coração.

— Que sente homem?

— A revolta passou! Sumiu por encantamento. Estou leve. Calmo. Pela primeira vez, sinto-me assim depois do desencarne.

— Então está pronto para ouvir! Jandira disse a verdade. Ela foi aprisionada no *vale da mentira* e viu o “monstro”.

— Existe esse lugar?

— Existe também o “monstro” a que se referiu.

— Aquela mesma imagem que vi?

— Bem parecida! A falange da mentira cresce assustadoramente, na humanidade, os seus tentáculos de domínio e manipulação. Hoje, a grande tática dessa falange é contar a verdade. Já que a vida de todos nós, em algum aspecto, tornou-se uma mentira, contar a verdade significa estarrecer e derrotar. Além disso, o foco dessa falange é a descrença.

— O senhor sabia que ela me diria aquelas coisas, por isso me deixou lá?!

— Sabia que ela lhe diria algo.

— Por que não disse o senhor mesmo?

— Porque Deus tem mecanismos mais sábios que minha impulsividade. Pela boca de Jandira, muitas verdades necessárias são ditas a seu modo. Mesmo no torvelinho da insanidade, surgem raios de lucidez que expressam a sabedoria do Pai em sua obra magnânima. Veja que você já não é mais o mesmo depois desse contato. Quem diria que uma paciente psiquiátrica seria médium de suas necessidades?

— É verdade! Magnífico!

— Um médium equilibrado lhe diria o mesmo. Naturalmente, de outra maneira.

— E não teria um desses para me orientar?

— Temos, mas estão muito ocupados para isso. Portanto, nada mais justo que buscar os que precisam. Jandira precisa muito de alguém para passear nos jardins, conversar e que leia o Evangelho para ela.

— Eu...

— Sim, você poderia. A pergunta é: você quer?

— Tenho medo.

— Ótimo! É um sinal de responsabilidade, pelo menos nesse caso. Você começa hoje mesmo, à tarde.

— Assim! Já?

— Estamos aguardando alguém para isso há tempos. Jandira está aqui há quase um ano e tem sido muito bem assistida. Todavia, se lhe dermos tempo, atenção...

— Está bem. Conte comigo! A propósito, doutor, apenas uma pergunta: terei que ir buscá-la naquela ala?

— Está com medo?

— Foi traumático para mim. Nunca pensei que havia uma casa do Cristo desse jeito.

— Arrumarei alguém para trazê-la até aqui.

— Estou muito disposto!

— Excelente. Senti sua sinceridade. Só espero que não vire Pinóquio!

— Pinóquio?!

— Espero que não passe a adorar as mentiras de Jandira.

— Que bom vê-lo assim, doutor! Está se sentindo melhor?

— Quem é o doutor aqui sou eu. Pare de perguntar e vamos ao labor. Você vai visitar Jandira e diga que acredita em tudo... Depois, no início da noite, procure o professor no segundo andar. Ele o espera com outras lições. Felicita-me vê-lo com novo humor, contudo, mantenha vigilância sobre suas emoções.

— Está bem, doutor. Farei isso.

⁽¹⁾ Mateus, 5:39 e 40.

⁽²⁾ Odilon Fernandes foi um trabalhador exemplar na cidade de Uberaba, Minas Gerais. A entidade sob sua supervisão na vida espiritual chama-se "Liceu da Mediunidade".

20

Segundo Andar

"Não será assim entre vós; mas todo aquele que quiser entre vós fazer-se grande seja vosso servil. E qualquer que entre vós quiser ser o primeiro seja vosso servo."

Mateus, 20:26

Naquele mesmo dia, às dezoito horas, o ex-dirigente goiano chegou ao segundo andar. Era uma enfermaria coletiva. Tudo traduzia ordem. O professor já esperava Marcondes e o saudou:

— Há quantos dias não vejo o amigo bondoso!

— Lembrei-me muito do senhor, professor. Realmente há semanas que não o vejo. Incrível o tamanho deste Hospital!

— Nem tão grande assim é o Hospital e sim o trabalho. Venha, vamos a minha sala. Conversaremos um pouco.

Acomodados, iniciaram um debate esclarecedor sobre as enfermarias do segundo andar.

— Aqui, encontramos, em sua maioria, quadros de arrependimento tardio.

— Consciência cobrando os atos?

— Nem sempre, Marcondes. Dialogando com nossos irmãos, perceberá que a queixa generalizada refere-se ao que deixaram de fazer.

— Arrependidos pelo que não fizeram?